

A Reinvenção dos Gêneros Jornalísticos no Ciberespaço: Estudo de Caso do Site Catraca Livre¹

Luiza Teixeira do NASCIMENTO²
Rhanica Evelise Toledo COUTINHO³
Douglas Baltazar GONÇALVES⁴
Centro Universitário de Volta Redonda, RJ

Resumo: Esta pesquisa estuda o site Catraca Livre e tem por objetivo verificar o estilo jornalístico deste e compará-lo com os gêneros jornalísticos propostos por Beltrão e Melo. Ela se justifica pelo pouco conteúdo sobre o objeto deste estudo que difunde a cultura ao alcance de todos, além da contribuição acadêmica em relação aos assuntos abordados neste artigo. O caminho metodológico se constitui por meio de um estudo de caso do site, juntamente com uma pesquisa bibliográfica no que tange aos principais termos utilizados e por último uma investigação em relação ao conteúdo do Catraca Livre, visando identificar os gêneros jornalísticos contidos neste. Por fim, percebe-se que não há características predominantes do gênero interpretativo ou opinativo e que o estilo jornalístico defendido pelo site se apresenta bem diferente dos sites de jornalismo online.

Palavras-chave: Jornalismo; Gêneros Jornalísticos, Catraca Livre, Hibridização.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de jornalismo antigamente no dicionário, referia-se a profissão de jornais ou semelhante à imprensa periódica. Com o desenvolvimento de meios com a televisão, o rádio e até o computador, nasceram formas diferentes de se fazer o jornalismo. A partir disto, surgiram novos conceitos que até hoje geram diferentes ideias sobre o que é de fato fazer jornalismo. De acordo com as transformações que o jornalismo vem passando e o surgimento de novas mídias além da imprensa, os gêneros que os classificavam também trouxeram à tona novas discussões e que por isto motiva o desenvolvimento desta pesquisa.

O site Catraca Livre, objeto deste estudo, defende um jornalismo cultural com a missão de garantir cidadania à população através da divulgação de assuntos deste ramo,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo do UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, email: Luiza_vr@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, email: profarhanica@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, email: douglasbgoncalves@gmail.com

filtrados pelo critério de ser de baixo custo. O sucesso em um curto espaço de tempo deste site indica a eficiência que este segmento tem promovido com a população.

Vale ressaltar que o termo cultura considerado neste trabalho está relacionado com a cultura adquirida pelo ser humano em contextos sociais, de acordo com Laraia (2001). Para o autor a cultura pode ser obtida através do envolvimento da pessoa com os diversos ambientes por onde ela passa, e é por meio dela que o homem pode conquistar a capacidade de vencer os obstáculos e mudar seu habitat, destacando que nem sempre estas modificações são positivas para a humanidade. A cultura possui a característica de ser acumulativa decorrente de experiências passadas de várias gerações. Neste processo, o homem pode ser tanto receptor quanto produtor daquela cultura que está sujeita sempre às mudanças.

Devido ao crescimento do site *Catraca Livre* em um curto espaço de tempo, será feito um estudo de caso do mesmo para verificar quais os gêneros jornalísticos que o site se enquadre. Será feito também de início um levantamento bibliográfico sobre os conceitos abordados neste estudo no que tange aos gêneros, tanto jornalísticos (tradicionais) quanto ciberjornalísticos (no ambiente digital).

1.1 PROBLEMÁTICA

De acordo com o *Google Analytics*⁵, ferramenta criada para medir audiência na internet, são mais de 50 milhões de visitas durante o mês de fevereiro deste ano. Visto que esta recente pesquisa apresentou números muito elevados, comprovando a grande audiência que o site possui. Além dos números, segundo Raphael Vasconcellos, diretor de Soluções Criativas do *Facebook*⁶ para América Latina, o sucesso deve-se em grande parte ao fato de que o site não possui competidores, uma vez que não há nada similar. Desta forma, cabe indagar: quais são as características do jornalismo utilizado pelo site e ainda qual(is) o(s) gênero(s) jornalístico(s) que se enquadra?

1.2 OBJETIVO

⁵*Google Analytics*- instrumento do Google que mede dentre vários fatores, a popularidade de plataformas digitais.

⁶*Facebook* - um tipo de rede social na internet

O objetivo geral deste estudo consiste em verificar qual o estilo jornalístico abordado por este e ainda compreender quais os gêneros jornalísticos que se enquadra o site. Como objetivo específico buscou-se fazer uma pesquisa bibliográfica no que tange aos conceitos citados neste trabalho visando identificar quais são as características do jornalismo e gênero(s) jornalístico(s) utilizado pelo site *Catraca Livre*.

1.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa possibilitará a discussão acerca da importância do tema, visto que o objeto de estudo, o site *Catraca Livre*, demonstra preocupação com a garantia de cidadania à população. Através deste estudo, poderá ser constatado que o jornalismo digital pode ser um meio útil de propagação de informações culturais e possibilita, portanto, servir de exemplo a outros blogs e sites que possam ter o mesmo objetivo de promover a cidadania.

De acordo com LIMA(2006):

Na verdade, a comunicação perpassa todas as três dimensões da cidadania, constituindo-se, ao mesmo tempo, em direito civil — liberdade individual de expressão; em direito político — através do direito à comunicação, que vai além do direito de ser informado; e em direito civil — através do direito a uma política pública democrática de comunicação que assegure pluralidade e diversidade na representação de ideias e opiniões (LIMA, 2006, p. 11).

Este trabalho trará também contribuições aos acadêmicos e profissionais de mercado que pesquisam este eixo teórico. Além disto, vale ressaltar que a pesquisa se justifica pelo seu ineditismo de acordo com o levantamento do Estado do Conhecimento realizado por Teixeira e Coutinho(2014) nos anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom em 2014. Portanto este artigo aponta uma defasagem em relação ao assunto, mostrando a necessidade de ser abordado.

2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

José Marques de Melo e Francisco de Assis afirmam que “Em língua portuguesa, gênero aparece como termo que abrange desde espécies biológicas até os objetos comunicacionais” (MELO; ASSIS, 2013, p. 23). Segundo Melo, o jornalismo é um fenômeno ocorrido no mundo todo, apesar das suas raízes serem de origem europeia. Para Melo e Assis (2013), gênero jornalístico pode ser compreendido como:

(...) a classe de unidades da comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações de atualidade, por meio de suportes mecânicos

ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (MELO; ASSIS, 2013, p.30).

Portanto, para compreender os gêneros jornalísticos necessita-se fazer comparações e por isto, buscar na bibliografia internacional a fim de esclarecer algumas características que se assemelham e que diferem no jornalismo que se faz no Brasil. No entanto torna-se pertinente explicitar um pouco antes a origem destes gêneros.

2.1 História dos Gêneros

Pode-se dizer que os gêneros jornalísticos são derivados dos gêneros literários. Em sua tese, Lia Seixas (2009) afirma que o gênero surgiu na Grécia antiga por Platão quando criou a divisão da poesia. No entanto Aristóteles foi quem trouxe uma reflexão maior acerca do termo citado. De acordo com Ferreira (2012, p.3), “os gêneros refletiam sobre a identidade dos textos, portanto, deram as distinções entre poesia, prosa, tragédia, comédia e outros tipos de discursos”.

Após Aristóteles, Bakhtin reforça o conceito e põe em prática uma nova forma, o que fez com que ele se tornasse uma das maiores referências em relação aos gêneros do discurso. Para ele, os gêneros são “tipos relativamente estáveis de expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura” (BAKHTIN, 1997, p. 60). Ainda de acordo com o autor, o gênero orienta a utilização da linguagem em um determinado meio onde se manifestam as tendências mais expressivas e mais organizadas que são acumuladas ao longo do tempo.

Diversas áreas da atividade humana apresentam relação com a linguística através de enunciados (sendo orais ou escritos). Estes refletem as condições específicas e o objeto de cada uma destas áreas pela sua estrutura e pela composição. Fatores como o conteúdo temático, o estilo e a composição estão ligados a estes enunciados e nas palavras do próprio autor,

[...]são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

De acordo com Bakhtin, para promover comunicação verbal, há diversos gêneros do discurso, basta o enunciador lançar mão conforme o objeto a que está ligado, isto significa

dizer então que para falar, necessita-se ter o conhecimento sobre estes gêneros. Machado partilha da mesma ideia e resume bem o que significa o termo: “Gêneros são articulações discursivas que organizam e definem a textualidade. Os gêneros são inconcebíveis fora do texto; sem os gêneros, o texto se esfarela” (MACHADO, 1999, p. 49).

Pode-se entender diante das ideias de Bakhtin (1997) e Machado (1999) que tanto os gêneros do discurso quanto o texto e a fala, possuem uma interdependência. Deste modo, não há uma boa fala e uma boa escrita se não houver o conhecimento sobre os gêneros. E o contrário também se faz verdadeiro, pois as diversas modalidades de gêneros não tem função sem a comunicação oral e escrita.

Para ele, os gêneros estão ligados a esferas da sociedade. Devido ao grande número destas esferas de comunicação, Bakhtin (1999) difere os gêneros do discurso, considerado como primários, pois são construídos a partir da comunicação oral, dos gêneros derivados de outras esferas. Significa dizer que estes são de origem social que aborda o discurso do cotidiano. Já os secundários, são desenvolvidos de maneira mais complexa como, por exemplo, gêneros da esfera jurídica, científica e jornalística, este último, o objeto deste capítulo.

Em relação aos gêneros jornalísticos, Lia Seixas, que teve inspiração em Bakhtin afirma que a produção destes se desenvolveu a partir de da década de 1950. De acordo com a autora, a teoria da classificação destes gêneros “surge como método para a análise sociológica quantitativa das mensagens da imprensa, no fio da teoria funcionalista da *Communication Research* logo após o fim da Segunda Guerra Mundial”(SEIXAS, 2010, p. 47).

Outra grande referência no que tange aos gêneros jornalísticos, que também possui inspiração Bakhtiniana assim como a maioria dos estudiosos deste tema, José Marques de Melo, já produziu e organizou várias obras sobre o assunto. Para ele, gênero consiste em

(...) um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura) (MELO, 2003, p.64).

Na concepção de Melo e Assis (2013), os gêneros jornalísticos fazem parte de uma “constelação” maior ainda, que se denominam gêneros midiáticos, determinados por

suportes tecnológicos, ou seja, meios de comunicação. Sobre gênero midiático, Denis McQuail afirma ser uma “categoria de conteúdo” e apresenta 4 características comuns a este:

1. A “identidade coletiva” – que pode ser identificada de um modo semelhante pelos produtores e consumidores;
2. A relação deste gênero com a utilidade, somada ao formato e ao conteúdo;
3. A sua perpetuação ao longo do tempo, respeitando a possibilidade de uma transformação, embora se preserve as formas culturais;
4. Determinado gênero deve apresentar uma estrutura previsível em relação à narrativa ou uma sequência de ações que funcionam conforme o esperado, que possua um conjunto de “variantes dos temas básicos”.

Para McQuail (2003), os gêneros midiáticos são criados para produzir em qualquer meio de comunicação de massa de modo eficaz e que esteja de acordo com a expectativa do público alvo.

Voltando ao objeto deste estudo, os gêneros jornalísticos se dividem de diferentes formas de acordo com o autor. E dentro desta divisão, existem os formatos que nas palavras de Melo (2013, p.28) significa uma “matéria concreta veiculada em suporte impresso, eletrônico ou digital” e que “São, em resumo, o instrumento – a forma – que emissores adotam pra se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas”. Estes formatos seriam unidades menores dos gêneros citados anteriormente. Em relação à compreensão dos gêneros jornalísticos, Melo e Assis explicam que

(...) só tem sentido se forem inseridos no ambiente que lhes é peculiar, ou seja, os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui, evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas, etc. (MELO; ASSIS, 2013, p. 21)

Além de Melo, outra referência orientada por ele, Lailton Alves da Costa, pesquisador em Ciências da Comunicação, também fala sobre gêneros jornalísticos. Em sua pesquisa, Costa (2015, p.47), afirma que há uma dificuldade em aprender o conceito de gênero jornalístico e que “reside na fragmentação da atividade jornalística, advinda, basicamente, da diversidade de mídias (TV, rádio, jornal, revista e internet) e que gera o questionamento da centralidade do suporte e da mídia na noção de gênero”.

Para este autor, a noção de gênero se apresenta estável e está ligada aos propósitos comunicacionais de modo que esta seja uma das principais razões para a existência do termo.

2.2 Gêneros no Brasil

Devido ao processo de colonização do Brasil, pode-se confirmar a influência Portuguesa no país. Todavia, não são características associadas a Portugal e Espanha que predominam no jornalismo brasileiro, como afirma José Marques de Melo (2006). A identidade jornalística do Brasil possui maior influência inglesa e francesa, ressaltando que as características advindas da França são as que mais foram absorvidas.

Logo depois, chegaram as características italianas espanholas e alemãs, “que num primeiro momento circunscreveram se à imprensa dos imigrantes, mas em seguida penetraram nas experiências mais amplas do jornalismo em língua portuguesa” (MELO, 2006, p. 68). Nota-se que as características absorvidas inicialmente eram todas originárias da Europa. Apesar de serem grandes influências, nenhuma delas causou tanto impacto quanto o jornalismo norte-americano que segundo José Marques de Melo, os padrões

(...) adquiriram peculiaridades próprias em relação às práticas embrionárias embarcadas junto com a bagagem dos imigrantes ingleses. O contacto com o jornalismo norte-americano, decorrência evidente da hegemonia conquistada pela jovem potência capitalista, faz-se por intermédio da ousada atuação das suas agências noticiosas (que disputam o nosso mercado com as agências europeias, especialmente a agência estatal francesa) e se consolida pela importação de tecnologia, cavalo de Tróia que possui um adensado ventre, capaz de acumular técnicas de codificação, sistemas gerenciais, estruturas simbólicas. (MELO, 2006, p.68-69)

Significa dizer que mesmo recente em relação ao jornalismo europeu, o jornalismo norte americano ganhou força devido a tecnologia adotada e por isto, serviu de inspiração ao jornalismo praticado no Brasil, que apesar de ter absorvido características de diversos países, criou a sua própria forma de fazê-lo. Vale ressaltar que nas palavras ainda de Melo (2006), não quer dizer que o jornalismo brasileiro não possui forma. Pelo contrário, “o jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que se nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada” (MELO, 2006, p. 69).

As características contidas no jornalismo brasileiro conseguem mesclar as influências portuguesas, francesas e norte-americanas sem parecer cópia de uma destas. Um exemplo dado por Melo (2006) que corrobora o que foi afirmado anteriormente é a relação entre informação e opinião. A fronteira existente entre ambos é implantada no jornalismo

inglês, sistematicamente e levado a últimas instâncias no modelo norte-americano, mas nunca constou no brasileiro.

O pioneiro a falar sobre gêneros jornalísticos no Brasil foi pernambucano, Luiz Beltrão. Ele escreveu três de suas obras voltadas para os gêneros. Seu primeiro livro, publicado em 1969 aborda o gênero informativo, o segundo foi em 1976 e trata do gênero interpretativo e o terceiro, divulgado quatro anos depois do segundo, fala acerca do gênero opinativo. Depois de 15 anos aproximadamente do primeiro livro, baseado na ideia de Beltrão, José Marques de Melo começa a defender uma divisão diferente da encontrada na bibliografia estudada.

José Marques de Melo não só deixou sua contribuição no que tange aos gêneros jornalísticos como também orientou muitos alunos que abordou este tema. Manuel Chaparro foi aluno de Melo e estabeleceu divisões diferentes da proposta pelo seu ex-professor. Lia Seixas, não foi orientanda de Melo, mas utilizou as ideias defendidas por ele em sua tese de doutorado. Daniela Bertocchi que também cita Melo em seus artigos, abordou os gêneros jornalísticos na internet, nomeando-os de “gêneros ciberjornalísticos”.

Tanto Seixas, quanto Bertocchi abordaram os gêneros no ambiente digital, tornando-se as maiores referências brasileiras em relação a este segmento, apesar de ser novo e por isto, ainda ter pouca discussão em relação ao assunto.

2.3 Tipos de gêneros

Para Luiz Beltrão foi, os gêneros são divididos em três tipos: informativo, interpretativo e opinativo. Dentro do gênero informativo, há subdivisões denominadas formatos, são elas: notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem. Já no interpretativo, há somente uma classificação, que é a reportagem em profundidade.

No último gênero citado por Beltrão, o gênero opinativo, há cinco formatos: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor. Em relação ao significado do termo formato no jornalismo, de acordo com José Marques de Melo (2013, p. 32), “é o feitio de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional”.

Lia Seixas (2009, p.63) faz uma comparação entre os dois autores citados anteriormente: “No Brasil, Luiz Beltrão falava de função, enquanto José Marques de Melo classificou os textos produzidos pela indústria jornalística por intencionalidade dos relatos, e natureza estrutural dos relatos”.

Após muitos estudos em relação ao tema, Melo foi de encontro às ideias de Beltrão e passou a defender cinco tipos de gêneros, que em suas palavras se dividem em:

(...) gênero informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Nos anos 80, a pesquisa que fiz só me indicou a predominância de informativo e opinativo. A maioria do pessoal lia, dizendo que eu acho que só existem 2 gêneros. Não é isso, eu identifiquei somente dois gêneros na imprensa diária. De lá pra cá, eu venho pesquisando a cada 5 anos e fui encontrando evidências de que outros gêneros foram surgindo. O gênero interpretativo que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, desapareceu nos anos 80, voltou nos 90 e agora está se desenvolvendo muito” (MELO, 2008, s/p).

Tanto os gêneros defendidos por Beltrão, quando os afirmados por José Marques de Melo foram comparados na tabela abaixo, que torna visível as opiniões divergentes de ambos. Pode-se perceber, por exemplo, a maioria dos formatos inclusive diferem entre os próprios gêneros.

	Luiz Beltrão (1980)	Marques de Melo (2013)
Jornalismo Informativo	Notícia Reportagem Historia de interesse humano Informação pela imagem	Nota Notícia Reportagem Entrevista
Jornalismo Interpretativo	Reportagem em Profundidade	Análise Perfil Enquete Cronologia Dossiê
Jornalismo Opinativo	Editorial Artigo Crônica Opinião ilustrada Opinião do leitor	Editorial Comentário Artigo Resenha Coluna Caricatura Carta Crônica
Jornalismo Diversivo		História de interesse humano História colorida
Jornalismo Utilitário		Indicador Cotação Roteiro Serviço

Tabela 1 - Comparação sobre os gêneros jornalísticos, segundo Beltrão e Melo.
Fonte: Autora, 2015

Tanto a tabela acima quanto a construída abaixo, ambas feitas pela autora, basearam-se em Melo e Assis (2013) e em Costa (2010). Ressalta-se que a primeira

classificação proposta por Melo não era 5 divisões, eram somente 2 e aos poucos ele foi identificando novos gêneros até chegar nestes defendidos por ele atualmente. Já Chaparro, construiu uma classificação que segundo a reportagem feita com José Marques de Melo à Lia Seixas, apresenta inspiração Holandesa de Teun van Dijk.

Comentário	Manuel Chaparro	Relato	Espécies Narrativas
	Espécies Argumentativas		Reportagem
	Artigo		Notícia
Crônica	Entrevista		
Cartas	Coluna		
Coluna	Espécies Práticas		
Espécies gráfico-artisticas	Roteiros	Indicadores	
Caricatura	Agendamentos	Previsão do tempo	
Charge	Cartas-Consulta	Orientações Úteis	

Tabela 2 - Gêneros jornalísticos de acordo com Chaparro
 Fonte: Autora, 2015

Segundo Seixas (2009), a diferença do jornalismo opinativo defendido por José Marques de Melo (2006) e Beltrão (1976) está relacionada com a função. Melo afirma que a função do jornalismo opinativo é de opinar. Já Beltrão acredita que a função é de orientar.

Portanto percebe-se que não são unânimes as divisões e que elas de fato geram grandes discussões em relação ao tema. Mas é pertinente ressaltar também que não é só na divisão destes gêneros, há outra discussão aberta por Seixas (2009) que questiona se a classificação se deve primeiramente ao domínio ou a mídia. Nas palavras da autora,

As características das mídias devem ser relacionadas às condições de realização da ação comunicativa para que se possa dizer, por exemplo, que a entrevista veiculada no impresso e no site jornalístico da rede é um mesmo gênero da indústria jornalística. (SEIXAS, 2009, p.71)

Seixas desenvolveu um estudo sobre os gêneros em ambiente digital. Além desta autora, Daniela Bertocchi também pesquisou um pouco sobre o que a mesma diz serem “gêneros ciberjornalísticos”. Segundo Bertocchi (2010), os gêneros possuem uma maleabilidade e, portanto, têm a capacidade de “regeneração e de-generação”. Para Bertocchi, o ciberespaço,

Está a sofrer o impacto de diversas forças, tais como: a de mercado (empresas jornalísticas com negócios em meios digitais, que buscam processos comunicativos eficazes e lucrativos), a da audiência (pressão por participantes dos “usuários-produtores”), a acadêmica (para a formação de ciberjornalistas críticos). Os gêneros de texto ciberjornalístico fazem parte deste sistema e absorvem os reflexos deste conjunto da mesma forma que sofrem o impacto da resistência

psicológicas dos profissionais diante de um novo meio e também dos entraves tecnológicos e de ordem econômica (vide crise das empresas de comunicação) (BERTOCCHI, 2010, p. 323).

Para ela, os gêneros ciberornalísticos derivam dos gêneros tradicionais, no entanto há um processo de convergência que redefine e dá origem a outros subgêneros que por sua vez também sofrem modificação. A autora afirma que os gêneros no ambiente virtual são tridimensionais (hipertextuais) e que apresenta características peculiares como a hipertextualidade, a interatividade e a multimidialidade.

3 METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa descritiva, pautada nas Dimensões Novikoff, que “[...] trata-se de uma abordagem teórico-metodológica, com todas as dimensões de preparação, estudo, desenvolvimento e apresentação de pesquisa acadêmico-científica” (NOVIKOFF, 2010).

Desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2007) pode ser desenvolvida principalmente pela busca de informações em livros e artigos científicos, todavia vale ressaltar que devido ao ineditismo e aos temas relacionados serem novos, será buscado também no meio digital.

Foi realizada uma busca em diferentes obras para compreender os conceitos de jornalismo digital, cibercultura e os gêneros jornalísticos. O objetivo era buscar alguns entendimentos em relação aos conceitos citados baseado na revisão bibliográfica. Foi feito também um estudo de caso do site *Catraca Livre*. Segundo Yin (2004), o estudo de caso representa um modo de investigar de forma empírica de acordo com um conjunto de procedimentos pré-especificados. De acordo com Yin:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (...) Em outras palavras, você poderia utilizar o método de estudo de caso quando deliberadamente quisesse lidar com condições contextuais – acreditando que elas poderiam ser altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo. Logo, essa primeira parte de nossa lógica de planejamento nos ajuda a entender os estudos de caso sem deixar de diferenciá-la de outras estratégias de pesquisa que já foram discutidas (YIN, 2004, p. 32).

A técnica básica seria considerar todas as estratégias como parte de um repertório para realizar a pesquisa a partir da qual o pesquisador estabelece um procedimento, levando em conta a situação.

O estudo feito no Catraca Livre foi baseado na categoria Brasil, com o objetivo de buscar as editorias de um modo geral, e não de forma específica, visto que algumas editorias são comuns a todas as categorias, situadas no canto direito superior do site.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Os próprios nomes das 11 editorias dentro da categoria Brasil já mostram uma particularidade do site, são elas: Dica Digital, Bem-estar, Gastronomia, Geração E, Mundo Animal, Educação, Universidades, Urbanidade, Inovação, Emprego, Negócios.

Verifica-se que assim como os nomes das editorias, não há notícias comuns iguais às divulgadas em jornais impressos e sites de jornalismo online. Não há editorias de cidade, polícia, política, além de não postarem assuntos negativos também. O Site divulga assuntos culturais, curiosidades, histórias humanas e informações de serviço, de utilidade, em sua maioria cultural, para o leitor.

A imagem que segue abaixo na Figura 1 serve para exemplificar o conteúdo do site. No texto, marcado como (A), percebe-se um conteúdo relacionado com a curiosidade. Já nos títulos ao lado do texto (A), marcados como (B), são de utilidade para o leitor.



The image shows a screenshot of the Catraca Livre website. At the top, there is a navigation bar with 'BRASIL' and 'REDE CATRACA' dropdown menus, a search bar, and links for 'AGENDA', 'LUGARES', and 'TODO SITE'. The main article title is 'Site reúne mais de 400 barulhos que poderão ser extintos', with a sub-headline 'REDAÇÃO EM 22 DE JULHO DE 2015 ÀS 14:14' and a small red box with the letter 'A' next to it. The article text discusses a website called 'Work with Sounds' that has collected 400 audio files of old typewriter sounds. Below the text is a photograph of a red rotary telephone. To the right of the article is a sidebar titled 'RECOMENDADOS PARA VOCÊ' containing three recommendation cards: 'Já pensou em fazer intercâmbio? Confira os desc...' with a red box 'B', 'Seleção de perfumes com mais de 50% off na Sephora', and 'Saiba como decorar sua casa gastando pouco'. The bottom card also has a red box 'B'.

Figura 1 - Características de curiosidade e de utilidade cultural

Fonte: Site Catraca Livre (2015)

O site ainda se preocupa com a agenda de exposições, cinema e oportunidade de cursos gratuitos ou de baixo custo para a população. Há também conteúdos educacionais,

que comprovam o objetivo de levar cultura a população, como está ilustrado na figura 2 que segue abaixo.



Figura 2 – Educação ambiental no site Catraca Livre
 Fonte: Site Catraca Livre (2015)

Portanto, chegou-se à constatação de que as informações são predominantemente ligadas ao gênero informativo, proposto tanto por Luiz Beltrão quanto por José Marques de Melo, e ao diversional e ao utilitário proposto somente por José Marques de Melo. Vale ressaltar que foi comparado somente a estes dois autores.

Apesar de algumas características serem semelhantes aos gêneros propostos por Luiz Beltrão e por José Marques de Melo, há no site formatos que foram acrescentados na tabela abaixo para mostrar a diferença e em qual gênero estes formatos descobertos se encaixam.

Tabela 3 - Comparação entre Beltrão e Melo, incluindo o Site Catraca Livre
 Fonte: Autora, 2015

	Luiz Beltrão (1980)	Marques de Melo (2013)	Site Catraca Livre (autora 2015)
Jornalismo Informativo	Notícia Reportagem História de interesse humano Informação pela imagem	Nota Notícia Reportagem Entrevista	*Notícia* História de Interesse Humano (Beltrão)
Jornalismo Interpretativo	Reportagem em Profundidade	Análise Perfil Enquete Cronologia Dossiê	
Jornalismo Opinativo	Editorial Artigo Crônica Opinião ilustrada Opinião do leitor	Editorial Comentário Artigo Resenha Coluna Caricatura Carta Crônica	
Jornalismo Diversional		História de interesse humano História colorida	História de Interesse Humano (Melo) Curiosidades
Jornalismo Utilitário		Indicador Cotação Roteiro Serviço	Serviço Agenda Inovação Dicas

Vale Ressaltar que além destes, há conteúdo dedicado especialmente para as crianças, denominado Catraquinha. Estes se dividem em outras editorias, que são: Aprender, Economizar, Cuidar, Encantar, Defender, Família e Manual de brincadeiras. Estes não foram levados em conta, todavia foi percebido que há características de interesse infantil e também culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que o site Catraca Livre divulga assuntos que diferem por completo de jornais online diários e impressos. E defendem um conteúdo cultural, com características textuais dos gêneros informativo, diversional e utilitário. Assim como José Marques de Melo ao estudar mais sobre os gêneros jornalísticos percebeu o surgimento de outros, que se desenvolviam em novos formatos, pode-se perceber que o surgimento da internet possibilitou o surgimento de outros estilos jornalísticos e formatos. Daniela Bertocchi também afirma que há uma maleabilidade destes gêneros.

Isto se deu pela necessidade de uma plataforma inovar para se destacar entre tantos sites. Hoje, o site Catraca Livre é conhecido pelo seu conteúdo diferente de jornais diários. Desta forma percebe-se que nos dias atuais há uma necessidade de se reinventar a todo instante, justificando um processo de hibridização que já ocorre em alguns meios de comunicação. Portanto, cabe também uma investigação em relação a este processo em um próximo estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes. 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 23ª edição.

LIMA, V. A. **Comunicação, poder e cidadania**. Revista Rastros, Ano VII, Nº 7, Outubro, p. 8-16, 2006.

MACHADO, Irene A. **Texto & gêneros: fronteiras**. In: DIETZSCH, Mary Julia Martins (org.). Espaços da linguagem na educação. São Paulo: Humanita, 1999.

MARQUES DE MELO, José (Org.); Assis, Francisco de (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2013.

_____. Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras. São Paulo: Saraiva, 2009.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

NOVIKOFF, C. (orgs.). Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In: ROCHA, J.G. e _____. **Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010. P. 211-242.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: Proposta de novos critérios de classificação.. 1. ed. Covilhã: Labcom, 2009.

SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari. **Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística**. São Paulo: Insular, 2013.

TEIXEIRA, Luiza; COUTINHO, Rhanica Evelise Toledo. **Catrata Livre: Estado do Conhecimento na Intercom**. Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania - DT7, GP Comunicação para a Cidadania, da Intercom Júnior –X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2123-1.pdf>. Acesso: 01/06/2015.